

Vantagens Comparativas do BRIC e Gestão do Comércio Exterior.

Autoria: Rosembergue Valverde

RESUMO

O objetivo deste artigo é comparar as recentes transformações na estrutura das vantagens comparativas reveladas de Brasil, Rússia, China e Índia e os seus modos de inserção internacional. Com isso busca-se inferir o poder de adaptação de cada uma destas economias às transformações na dinâmica de acumulação mundial. O texto está organizado em três seções. Primeiro realiza-se uma breve revisão das relações entre especialização internacional, crescimento econômico e inovações tecnológicas. Segundo apresenta-se o indicador de vantagens comparativas reveladas que será utilizado para efetuar as devidas comparações. Terceiro, evidenciam-se as diferenças da especialização internacional das economias do BRIC (acrônimo para representar as economias de Brasil, Rússia, China e Índia). Não obstante, nenhuma delas consegue seguir a dinâmica da demanda internacional, apresentando fortes traços de uma inserção periférica na acumulação mundial. Enfim, argumenta-se que a superação desta condição depende de uma gestão ativa e autônoma do comércio exterior.

1. ESPECIALIZAÇÃO INTERNACIONAL, CRESCIMENTO E INOVAÇÕES.

Segundo as teorias tradicionais do comércio internacional (clássicas e neoclássicas) o processo de especialização internacional seria inteiramente previsível a partir das diferenças tecnológicas ou fatoriais, uma vez que o progresso técnico é supostamente exógeno à dinâmica de crescimento econômico. Assim, os modos de inserção internacional das economias nacionais corresponderiam a um processo de ajustamento passivo das trajetórias de crescimento das economias nacionais às suas estruturas preexistentes de vantagens comparativas. Estes argumentos nos conduzem aos clássicos da teoria econômica, Smith e Ricardo, através das idéias de vantagens absolutas e vantagens comparativas. Os desenvolvimentos recentes realizados pela teoria neoclássica conservam os fundamentos das vantagens preexistentes em termos de dotação de fatores nos termos estabelecidos pelo teorema de Heckscher-Ohlin-Samuelson, tal qual consta em todo e qualquer manual de comércio exterior.

Entretanto, este tipo de raciocínio torna-se relativamente caduco pelos desenvolvimentos recentes das teorias do comércio internacional em concorrência imperfeita, em que as vantagens competitivas são construídas a partir das condições de exploração e de realização das economias de escalas crescente, cuja referência é Helpman e Krugman (1985). Nestes termos, a dinâmica da demanda, as condições de oferta, as estratégias das empresas (quanto a localização, diferenciação de produtos, políticas de dumping etc.) e as políticas comerciais praticadas pelos Estados, jogarão um papel decisivo na determinação dos fluxos internacionais de trocas e na definição da dinâmica de especialização das economias nacionais.

A incorporação da hipótese de rendimentos crescentes a escala coloca em xeque os princípios teóricos das vantagens comparativas. Primeiro, os modos de especialização não podem mais ser previsíveis ex-ante, a partir das características dos países. As dinâmicas de especialização, os modos de crescimento e os diferentes mecanismos de absorção e de difusão do progresso técnico se entrelaçam uns aos outros através de um círculo de mecanismos cumulativos. Segundo, o processo de especialização não é mais considerado como um meca-

nismo de ajustamento ótimo rumo ao equilíbrio. Estes princípios só se mantêm sob a hipótese de concorrência perfeita e perfeita imobilidade internacional dos fatores de produção.

Sob a ação da mobilidade internacional dos capitais (produção, tecnologia e fluxos financeiros) as firmas podem deslocar suas indústrias procurando diferentes condições de produção do capital ligadas às normas de produção ou as normas de consumo. Isso influencia os sistemas produtivos nacionais modificando diretamente e/ou indiretamente todos os elementos determinantes da dinâmica da especialização. Assim, o princípio das vantagens comparativas não pode mais ser fundado sobre a dicotomia entre economia aberta e economia fechada. Ao contrário, as vantagens competitivas serão criadas ao mesmo tempo em que se definem os modos de inserção das economias nacionais na dinâmica da acumulação mundial.

Em um contexto marcado pela concorrência oligopolista, as vantagens competitivas são construídas tanto em termos de preços quanto à percepção da qualidade dos produtos pelos consumidores. As fontes de competitividade não residem mais estritamente do lado dos custos de produção, o que explica as diferentes elasticidades-renda para mesmos produtos de origens diversas. Ou seja, as estratégias de diferenciação de produtos e de fixação de preços pelas firmas monopolistas se situam no coração da dinâmica de especialização. Uma parte das vantagens comparativas que um país dispõe está ligada às especificidades das firmas que produzem em seu território.

Se os países dispõem de um sistema de inovações capaz de absorver e de difundir as inovações criadas ao nível microeconômico, as vantagens monopolísticas, específicas às firmas, tornam-se vantagens-países. Então, se poderia afirmar que o país está em medida de dispor de certo grau de monopólio na concorrência internacional, o que determina seu caráter de price-taker ou de price-maker. Assim, as bases analíticas e os prognósticos das teorias tradicionais sobre o comércio internacional tornam-se fruto do acaso ante as hipóteses de concorrência imperfeita e de mobilidade internacional dos fatores de produção. Isto porque a dinâmica de especialização internacional pode induzir um contra desempenho em termos de crescimento e repartição de rendas. Mais ainda, as teorias tradicionais perdem suas propriedades de teoria geral uma vez que é impossível conciliar em um mesmo quadro teórico as explicações dos fluxos de trocas intra-industriais e as trocas entre indústrias.

Com o objetivo de conservar alguns dos fundamentos teóricos das teorias tradicionais do comércio internacional, será preciso tratar as questões relacionadas à dinâmica de especialização em dois campos isolados. Um primeiro fundado sobre as condições de exploração e de realização das economias de escala, que serviria para explicar as trocas intra-industriais entre países contanto com estruturas industriais comparáveis. Um segundo campo fundado sobre as diferenças tecnológicas e/ou diferentes dotações de fatores, para explicar as trocas entre indústrias de países possuindo diferentes níveis de desenvolvimento.

A partir das novas teorias do comércio internacional, as vantagens competitivas resultam simplesmente de processos cumulativos, subordinados ao modo de adesão das economias nacionais ao regime internacional. Em última instância, tem-se uma lógica de especialização mais próxima das vantagens absolutas de Smith que da lógica das vantagens comparativas de Ricardo. Nestes termos, a especialização internacional se define principalmente em função da concorrência oligopolista que da dotação de fatores; demonstrando assim, que sua dinâmica não é neutra com relação aos regimes de acumulação nacionais. Dito de outra maneira, contrariamente as conclusões das análises tradicionais, o modo de especialização internacional

exerce influências ativas sobre as trajetórias de crescimento, estruturas de distribuição de rendas das economias nacionais e suas capacidades de absorção e difusão tecnológicas.

Os mecanismos são tais que um aumento da produção ligada à dinâmica de especialização reforça a escala de produção dos setores concernentes. A produtividade do conjunto desses fatores cresce, os preços dos produtos correspondentes baixam, enquanto que a sua qualidade, intrínseca e extrínseca, melhora em função dos efeitos de aprendizagem dinâmica. As novas relações preços/qualidades aumentam a capacidade dos produtores venderem seus produtos sobre os mercados internos e externos. A produção à especialização aumenta e novos ganhos de escala se juntam aos primeiros.

Mais uma vez, é preciso remarcar que estes mecanismos não excluem a priori a possibilidade de haver uma antinomia entre as performances em termos de balança comercial, crescimento econômico e repartição de rendas. Em outras palavras, a incidência dos processos de especialização sobre a dinâmica de acumulação das economias nacionais pode ser, portanto, favorável ou desfavorável às condições de crescimento em longo prazo. Isto dependerá da natureza e da intensidade dos mecanismos cumulativos desencadeados pela dinâmica do modo de inserção das economias às trocas internacionais. Ao inverso do que afirmam as teorias tradicionais, existem possibilidades de perdas nas trocas internacionais, o que em termos dinâmicos podem se constituir em círculos viciosos.

Ora, se os modos de inserção internacional provocam efeitos incertos sobre as estruturas internas das economias nacionais, será preciso avaliar a qualidade da especialização internacional. Para que isso possa ser feito, nós podemos partir das análises das externalidades dos setores sobre os quais as economias constroem suas vantagens competitivas. É preciso, portanto, mensurar os efeitos de encadeamento, diretos e indiretos, a montante e a jusante, dos setores à especialização internacional sobre as estruturas produtivas nacionais. Isto compreende os efeitos sobre as taxas e a composição do crescimento econômico, a estrutura de repartição das rendas e as trajetórias de absorção e de difusão de inovações tecnológicas.

A qualidade do modo de inserção internacional se mede então pela maneira segundo a qual se reproduzem às articulações entre a dinâmica de especialização e a dinâmica macroeconômica (câmbio, salários, preços e lucros). Neste contexto, o conceito de competitividade transforma-se. Ele perde suas características micro-econômicas para se fixar ao nível macroeconômico, tal qual nós o encontramos em Mazier e outros (1986). Para exprimir os resultados entre especialização, crescimento e progresso técnico, as teorias ditas de crescimento endógeno quando associadas às teorias do comércio internacional em concorrência imperfeita são fecundas em ensinamentos. Nas seções seguintes nós exploraremos algumas dessas vias.

Trata-se assim de inferir os efeitos de encadeamentos da especialização sobre o crescimento, do crescimento em direção ao poder de absorver e de difundir o progresso técnico, e deste último em direção à capacidade de adaptação das economias nacionais às transformações das restrições internacionais. É preciso saber se a dinâmica de especialização contribui para reforçar ou enfraquecer a coerência do sistema produtivo da economia em questão, e ainda se ela contribui para melhorar ou deteriorar a estrutura de repartição de rendas.

A idéia de coerência produtiva significa a existência de complementaridades técnicas e tecnológicas entre as seções produtivas. Isto se manifesta através das interações sistêmicas das relações iterativas, comerciais e tácitas, entre produtores e fornecedores. Neste contexto, a dinâmica de repartição de rendas serve como um meio de aceleração da transferência tecnoló-

gica de uma atividade a outra. Estas idéias, próprias ao pensamento clássico, são redescobertas e depois integradas às aquisições recentes das teorias das inovações e da transformação técnicas, o que se pode constatar através das teorias do crescimento endógeno.

A especialização será propícia a incorporação do progresso técnico quando ela for capaz de assegurar as condições para o crescimento em longo prazo das economias nacionais. Neste caso, o modo de especialização será favorável à adaptação das restrições internacionais. Em caso contrário, a dinâmica de especialização será prejudicial à absorção e a difusão tecnológicas e, portanto desfavorável às condições de adaptação da economia às transformações das restrições internacionais.

Este esquema apresenta como corolário a propriedade de evitar todas as armadilhas da escolha da boa especialização, quase sempre associada à produção de produtos a forte intensidade tecnológica. Se estas características são desejáveis a priori, é preciso saber se elas são igualmente realizáveis e a quais custos, pois a procura de uma reestruturação industrial em direção a aqueles setores pode se constituir em um fracasso. Isso porque, por definição, na maioria das vezes, os países em desenvolvimento não possuem economias de escala dinâmicas naqueles setores, sofrendo portanto desvantagens na sua produção. Existe ainda o fato de que os ganhos de partes de mercado não estão previamente assegurados, pois as transformações exigidas podem ficar confinadas a certas ilhas de prosperidades e muito custosas em termos dos objetivos em longo prazo da economia nacionais.

Considerando essas premissas, a chave de nossa questão pode ser formulada da maneira seguinte: como os modos de especialização internacional das economias de Brasil, Rússia, China e Índia afetam suas condições de crescimento em longo prazo? A fim de oferecer algumas pistas para responder a limitamos este trabalho a explicitar as características dos seus modos de especialização internacional através de um indicador de vantagens comparativas reveladas, tomado como síntese da evolução da especialização das trocas internacionais de cada uma das economias do BRIC.

2. INDICADOR DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS

O indicador das vantagens comparativas reveladas foi introduzido na literatura econômica por Bela Balassa (1965). Depois de sua formulação original, vários melhoramentos foram propostos com o objetivo de apreender mais precisamente a contribuição aos saldos comerciais de cada produto destinado às trocas internacionais, traçando assim de forma sintética o perfil da especialização internacional de uma economia qualquer. Seguindo as formulações mais recentes, nós retivemos aqui para o desenvolvimento deste trabalho, o indicador proposto pelo CEPII – Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales.

A proposta do CEPII tem por base o indicador de vantagens comparativas reveladas de Bela Balassa que exprime a relação entre o saldo comercial (Exportações, X, menos Importações, M) de cada produto i ($X_{i,j} - M_{i,j}$) e as trocas comerciais globais do país j ($X_j + M_j$).

$$BB_{i,j} = \frac{X_{i,j} - M_{i,j}}{X_j + M_j}$$

A vantagem deste indicador está na facilidade da sua aplicação e interpretação dos resultados. Se a diferença relativa entre exportações e importações for maior que zero diz-se que o país j apresenta uma vantagem relativa na produção do produto i . Caso contrário, se o

índice for negativo conclui-se que o país apresenta desvantagens comerciais com relação ao produto *i*. Em geral, quanto maior o valor do indicador de Bela Balassa maior é a vantagem comparativa revelada do produto *i* para o país *j*.

O indicador de vantagens comparativas reveladas de Bela Balassa para além das facilidades de aplicação e interpretação apresenta pelo menos três problemas. Em geral ele não consegue captar: 1) desequilíbrios temporários na balança comercial; 2) variações da demanda agregada interna; e 3) modificações na demanda internacional. Procurando superar estas dificuldades, o CEPPII propõe três correções ao indicador de base.

Primeiro, para levar em considerações a possibilidade de desequilíbrios temporários na balança comercial, sugere-se normalizar a contribuição aos saldos comerciais de cada produto *i* pela proporção da sua importância no comércio exterior do país *j*.

$$T_{i,j} = \frac{X_{i,j} - M_{i,j}}{X + M} - \frac{(X_{i,j} - M_{i,j})(X - M)}{(X + M)^2}$$

Segundo, considerando a evolução da demanda agregada interna, o indicador obtido é então ponderado pela participação do comércio exterior no PIB – Produto Interno Bruto – da economia do país *j*, multiplicando $T_{i,j}$ por $1000 \cdot (X + M) / Y$.

$$U_{i,j} = \left[X_{i,j} - M_{i,j} - \frac{(X_{i,j} - M_{i,j})(X - M)}{(X + M)} \right] \cdot \frac{1000}{Y}$$

Terceiro, é preciso corrigir as influências das transformações do peso de cada produto *i* no fluxo mundial de comércio, e que, portanto, não dizem respeito unicamente às especificidades de cada país. Para tal, multiplica-se o indicador obtido no segundo estágio, $U_{i,j}$, pela modificação do peso de cada produto *i* na demanda internacional (W), entre o ano corrente (n) e um ano de referência (r) igual a: $[W_i^{(r)} / W^{(r)}] / [W_i^{(n)} / W^{(n)}]$.

O indicador das vantagens competitivas (V), nos termos definidos pelo CEPPII, e que será utilizado neste trabalho para comparar as performances das economias do BRIC, é igual a:

$$V_{i,j} = \frac{W_{i,r}}{W_{i,n}} \left[X_{i,j} - M_{i,j} - \frac{(X_{i,j} - M_{i,j})(X - M)}{(X + M)} \right] \cdot \frac{1000}{Y}$$

Para aplicar aos estudos comparativos da especialização internacional de Brasil, Rússia, Índia e China nós utilizaremos o base de dados CHELEM – Comptes Harmonisés sur Echanges et l'Économie Mondiale construída igualmente pelo CEPPII. Esta base de dados compatibiliza os fluxos de comércio internacional de oitenta zonas geográficas dentro da qual se distingue 71 países que representam 99% do comércio mundial e 71 categorias de produtos, expressos em dólares correntes a partir de 1967. A última versão disponível da base de dados CHELEM permite que a análise proposta seja realizada os anos e 1967 e 2002.

3. AS VANTAGENS COMPARATIVAS DO BRIC

As especificidades dos modos de subdesenvolvimento de Brasil, Rússia, Índia e China certamente têm influenciado nas suas diferentes estratégias de construção de vantagens competitivas, que se materializam em distintos processos de especialização internacional e consequentemente formas de inserção na dinâmica de acumulação mundial.

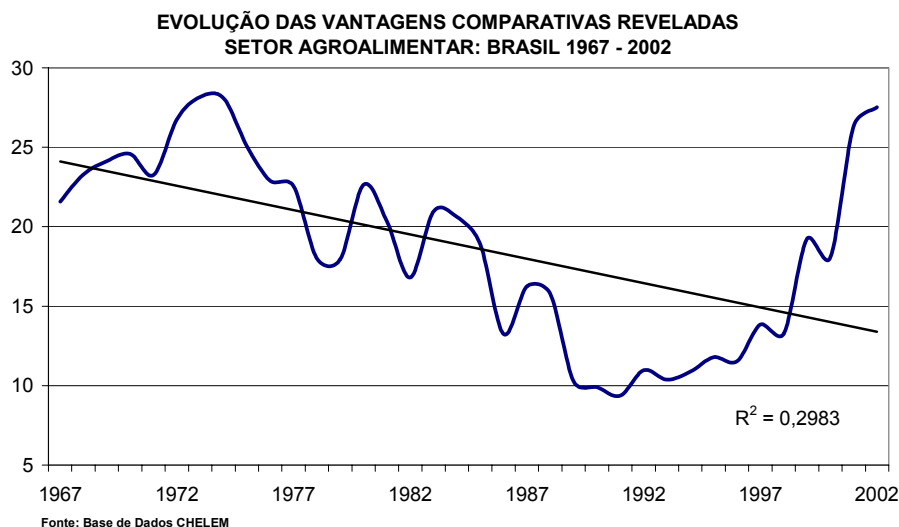
INDICADOR DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS
PARA AS ECONOMIAS DO BRIC - ANO BASE 2002

BRASIL		RUSSIA		INDIA		CHINA	
SETOR	IVC	SETOR	IVC	SETOR	IVC	SETOR	IVC
Agroalimentar	27,52	Energia	107,35	Textil	26,57	Textil	38,53
Siderurgia	13,60	Minerais não Ferrosos	12,38	Agroalimentar	6,67	Madeira, Papel e Papelão	21,51
Texteis	3,87	Siderurgia	8,93	Química	4,58	Material Elétrico	7,40
Madeira, Papel e Papelão	3,68	Material Elétrico	-7,78	Siderurgia	3,83	Eletrônica	-2,06
Minerais não Ferrosos	0,66	Madeira, Papel e Papelão	-8,99	Válculos e Autopeças	0,88	Agroalimentar	-2,23
Veículos e Autopeças	0,55	Veículos e Autopeças	-12,43	Material Elétrico	0,02	Veículos e Autopeças	-2,93
Material Elétrico	-3,05	Texteis	-13,79	Madeira, Papel e Papelão	-0,95	Minerais não Ferrosos	-5,86
Eletrônica	-9,44	Química	-15,15	Minerais não Ferrosos	-1,01	Energia	-10,67
Energia	-11,41	Eletrônica	-22,39	Mecânica	-1,67	Siderurgia	-11,75
Mecânica	-12,33	Mecânica	-23,60	Eletrônica	-7,41	Química	-15,12
Química	-13,65	Agroalimentar	-24,54	Energia	-31,51	Mecânica	-16,82

FONTE: Base de Dados CHELEM

Tomando por base a agregação setorial, observa-se que o único ponto em comum na estrutura da especialização internacional das economias do BRIC encontra-se no setor têxtil para as economias da Índia e da China. Um setor caracterizado pelo uso intensivo em mão-de-obra e de baixo valor agregado. A Rússia apresenta vantagens comparativas extremamente centradas na produção de energia, que por sua vez se constitui na principal desvantagem da economia indiana. O inverso simétrico acontece também entre Brasil e Rússia no que concernem as posições do setor agroalimentar: principal vantagem comparativa da economia brasileira e desvantagem comparativa da economia russa.

O **Brasil**, apesar de contar com uma estrutura industrial moderna e competitiva em muitos segmentos produtivos, ainda apresenta uma especialização internacional com traços assaz característicos da primeira divisão internacional do trabalho. Neste contexto, os produtos agroalimentares jogam ainda um papel muito importante na definição do modo de inserção internacional da economia brasileira. Entretanto, (Confira o Gráfico 01), durante o período de análise, a economia brasileira não conseguiu sustentar de forma sólida a construção das vantagens comparativas neste segmento produtivo. Pode-se observar que durante quase vinte anos (entre 1974 e 1992), houve uma perda sistemática das vantagens comparativas do segmento agroalimentar após o que se retomou uma trajetória ascendente.



Sobre o modo de inserção internacional da economia brasileira vale também destacar a construção sistemática de vantagens comparativas no setor de siderurgia (extração de minério

de ferro e produção de ferro e aço) como também no setor de celulose, papel e papelão (Confira Anexo 01). De forma menos intensa, a economia brasileira empreendeu esforços significativos na construção de vantagens comparativas no segmento de Minerais Não-Ferrosos a partir do final da década de 80. Entretanto, os dados apresentados aqui não deixam dúvidas sobre os efeitos perversos da política industrial sobre a desconstrução de vantagens comparativas no setor de eletrônicos. Durante o período de análise houve um aumento sistemático das desvantagens competitivas deste segmento produtivo.

Quando se utilizam dados desagregados para 71 produtos, trabalhando em detalhe os dados anteriores, observa-se que no ramo agroalimentar as vantagens comparativas da economia brasileira situam-se em cinco setores (Produtos Agrícolas Diversos, Carnes, Açúcar, Couros e Peles, Alimentos para Animais). Todos estes produtos pertencem aos segmentos de mais baixo valor agregado do ramo agroalimentar. Em outras palavras, o Brasil não acumula vantagens comparativas nos setores agroalimentares industrializados como, por exemplo, nos segmentos de bebidas, conservas, fumo industrializado etc.

Os demais pontos fortes da economia brasileira estão relacionados à extração de Minério de Ferro e Produção de Ferro e Aço. Em breve, os pontos fortes do comércio exterior brasileiro se encontram ainda nos produtos primários ou de suas transformações imediatas.

**TABELA I: PRINCIPAIS VANTAGENS COMPARATIVAS
PARA ECONOMIA BRASILEIRA – ANO BASE 2002**

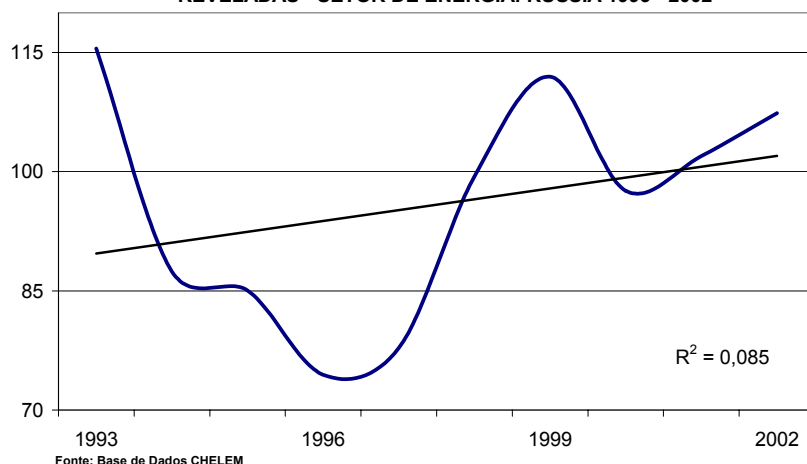
Produtos Agrícolas	10,483800
Minério de Ferro	7,446508
Ferro e Aço	5,900043
Carnes	4,766014
Açúcar	4,289855
Couros e Peles	4,254819
Alimentos para Animais	4,202435

Fonte: Base de Dados CHELEM

A **Rússia** parece ser entre as economias do BRIC aquela com menor aptidão para entrar em um círculo virtuoso de crescimento e inovações tecnológicas. A sua especialização internacional encontra-se centrada na produção de produtos energéticos, principalmente petróleo com exportações voltadas principalmente para o Japão e a China; e na oferta de Gás Natural destinada à Europa Ocidental, às economias da antiga União Soviética e ao Leste Europeu.

A falta de dinamismo se apresenta também para os setores de minerais não ferrosos e a siderurgia, os quais a Rússia apresenta igualmente vantagens comparativas reveladas. Para todos os demais setores a Rússia apresenta desvantagens competitivas importantes, sem perspectivas de uma recuperação consistente (Confira Anexo 02). O aumento consistente das desvantagens competitivas do setor químico é bastante revelador da incapacidade desta economia agregar valor à cadeia do valor do petróleo e gás natural através do desenvolvimento sustentado dos segmentos da química e petroquímica de terceira geração.

GRÁFICO 02: EVOLUÇÃO DAS VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS - SETOR DE ENERGIA: RÚSSIA 1993 - 2002



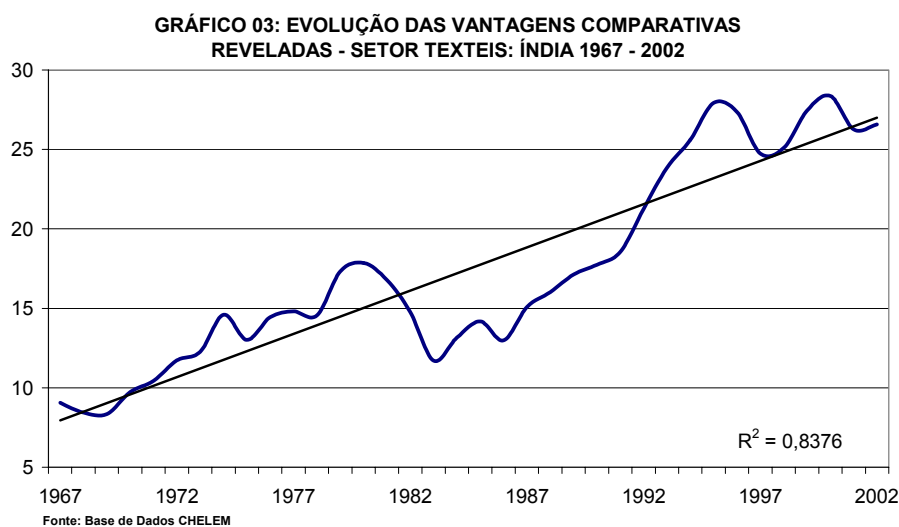
A análise desagregada para 71 produtos confirma estes resultados. As principais vantagens comparativas da Rússia na cadeia produtiva do Petróleo e Gás Natural correspondem aos Produtos do Refino do Petróleo (Primeira Transformação), Fertilizantes e Insumos Agrícolas. Os demais pontos fortes da sua especialização internacional também revelam uma inserção periférica na dinâmica de acumulação mundial (Metalurgia dos Não-ferrosos; Ferro e Aço; além de Produtos Agrícolas Não-Comestíveis – Veja Tabela II). A forma com que a Rússia continua exercendo influências sob as economias da Ex-União Soviética desvenda certo saudosismo do império militar. A incapacidade de a Rússia romper essa lógica parece impedi-la de empreender um círculo virtuoso de absorção e difusão de tecnologias, combinado com crescimento e repartição de rendas para atender aos anseios de suas populações.

TABELA II: PRINCIPAIS VANTAGENS COMPARATIVAS PARA A ECONOMIA RUSSA – ANO BASE 2002

Petróleo Bruto	58,16436
Gás Natural	25,42328
Produtos do Refino do Petróleo	19,97843
Metalurgia dos Não Ferrosos	15,11311
Ferro e Aço	9,500001
Fertilizantes e Insumos Agrícolas	3,941372
Produtos Agrícolas não Comestíveis	3,817222

Fonte: Base de Dados CHELEM

A **Índia** apresenta uma estrutura de vantagens comparativas reveladas construídas de forma bastante consistente em torno de produtos têxteis (Confira Gráfico 03). Valendo-se da abundância de mão-de-obra a economia indiana tem progredido também na edificação de vantagens competitivas no setor agroalimentar. Entretanto, observa-se do mesmo modo que a Índia não tem medido esforços para cuidar da construção da competitividade de setores de maior valor agregado. A química, a siderurgia e os serviços de informática são fortes exemplos destas iniciativas, apesar de ainda não aparecerem como seus principais pontos fortes, em uma análise com dados mais desagregados.



As desvantagens competitivas da economia indiana se acentuam fortemente tanto na produção de produtos eletrônicos quanto na produção de produtos energéticos e em menor medida na produção de celulose, papel e papelão. A falta de competitividade da indústria de energia pode comprometer o crescimento de longo prazo e a sustentação das vantagens competitivas no setor siderúrgico. Para os demais setores não há sinais de transformações evidentes de ganhos ou perdas na sua dinâmica de especialização (Confira Anexo 03).

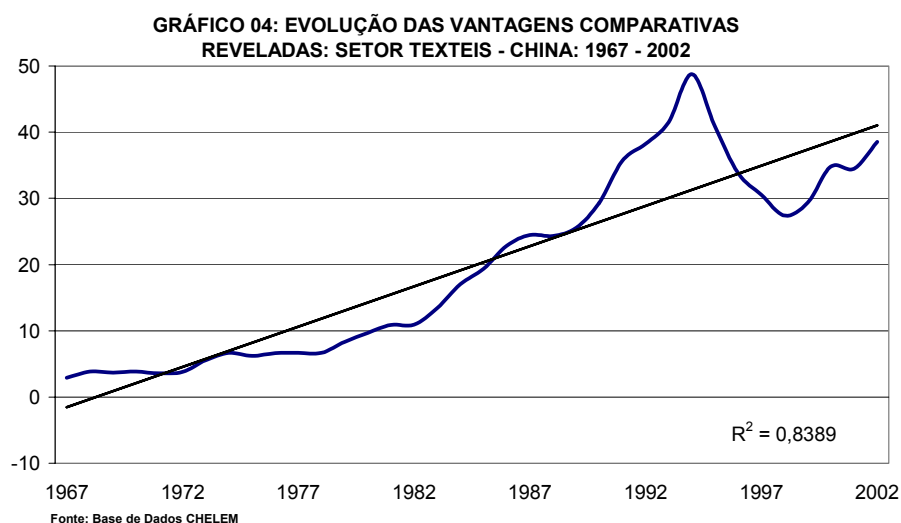
Para os dados desagregados em 71 produtos, verifica-se que as vantagens comparativas da economia indiana se encontram ainda fortemente centradas nas indústrias tradicionais. Em suma, a competitividade da economia indiana gira em torno da indústria de artesanato, da cadeia produtiva dos tecidos e confecções (vestuário e confecções, fios e tecidos, malharia) bem como em outros segmentos primários (couros e peles e cereais). Em suma, a Índia apresenta ainda uma especialização frágil e típica de uma economia periférica.

TABELA IV: PRINCIPAIS VANTAGENS COMPARATIVAS PARA A ECONOMIA INDIANA - ANO BASE 2002

Bijuteria (Artesanato)	7,520367
Vestuário e Confecções	7,111908
Fios e Tecidos	6,368347
Tapetes	4,522606
Malharia	4,396517
Couros e Peles	4,173757
Cereais	3,303203

Fonte: Base de Dados CHELEM

A **China** tem nos produtos têxteis sua principal fonte de vantagens comparativas, construídas de forma consistente durante todo o período de análise. Estas vantagens são estabelecidas à custa principalmente da abundância e baixo custo de mão-de-obra, o que também explica a competitividade nos segmentos de móveis de madeira e material elétrico.



As desvantagens comparativas localizadas nos setores de química e mecânica crescem de forma consistente durante todo o período em análise, o que demonstra certa fragilidade no modo de inserção internacional da economia chinesa. Isto porque a china apresenta desvantagens em setores que abrigam indústrias industrializantes, capazes de assegurar as condições para o crescimento de longo prazo. Para todos os demais setores não se observam, a esse nível de agregação, outras perdas igualmente fortes para a economia chinesa, apesar do contínuo aumento das suas desvantagens comparativas (Confira Anexo 04).

Em termos desagregados, observa-se que a economia chinesa tem se especializado na produção de produtos de alta intensidade de mão-de-obra como Brinquedos, Couros e Peles (Calçados), Vestuário (Confecções e Malharia), Material de Informática e Montagem de Produtos Eletrônicos e de Telecomunicações (Veja Tabela III). O caso da competitividade das indústrias de maior valor agregado como a de eletro-eletrônicos resulta dos investimentos diretos de firmas multinacionais que a utilizam como plataforma de exportações, através do sistema drawback. Note que em termos agregados, a economia chinesa apresenta desvantagens competitivas no setor de eletrônica. De fato, suas vantagens competitivas no segmento da eletrônica encontram-se localizadas apenas na linha cinza de eletrodomésticos bem como na produção de material para informática.

TABELA III: PRINCIPAIS VANTAGENS COMPARATIVAS PARA A ECONOMIA CHINESA – ANO BASE 2002	
Artigos Manufaturados Diversos (Brinquedos)	17,99489
Couros e Peles (Calçados)	16,73467
Vestuário e Confecções	12,07126
Malharia	10,23119
Material de Informática	9,680914
Produtos Eletrônicos	9,567587
Móveis	6,627839

Fonte: Base de Dados CHELEM

A estratégia chinesa, muitas vezes tomada como um exemplo a ser seguido, a tem tornado extremamente dependente dos mercados externos, e, portanto, do ritmo de crescimento da economia mundial e de frágeis soluções encontradas para os conflitos do comércio internacional. Os países desenvolvidos impõem cada vez mais barreiras não tarifárias às importações oriundas da China sob o argumento de baixa qualidade e super exploração do trabalho.

4. CONCLUSÕES

Não obstante o aumento do peso relativo do BRIC na economia mundial, o perfil das vantagens comparativas de cada uma das suas economias ainda apresenta fortes traços de economias periféricas. Em outras palavras, a especialização do BRIC situa-se basicamente em produtos primários ou na melhor das hipóteses em produtos manufaturados intensivos em mão-de-obra, matéria-prima e energia (este último, principalmente para o caso da Rússia).

A especialização de cada uma das economias do BRIC, embora seja significativamente diferentes, não consegue seguir as transformações da demanda internacional. Este tipo de especialização não contribui para acelerar os processos de absorção e de difusão das inovações tecnológicas e garantir a sustentação do crescimento econômico com justiça social. Para superar esta condição cada uma das economias do BRIC tem adotados diferentes estratégias.

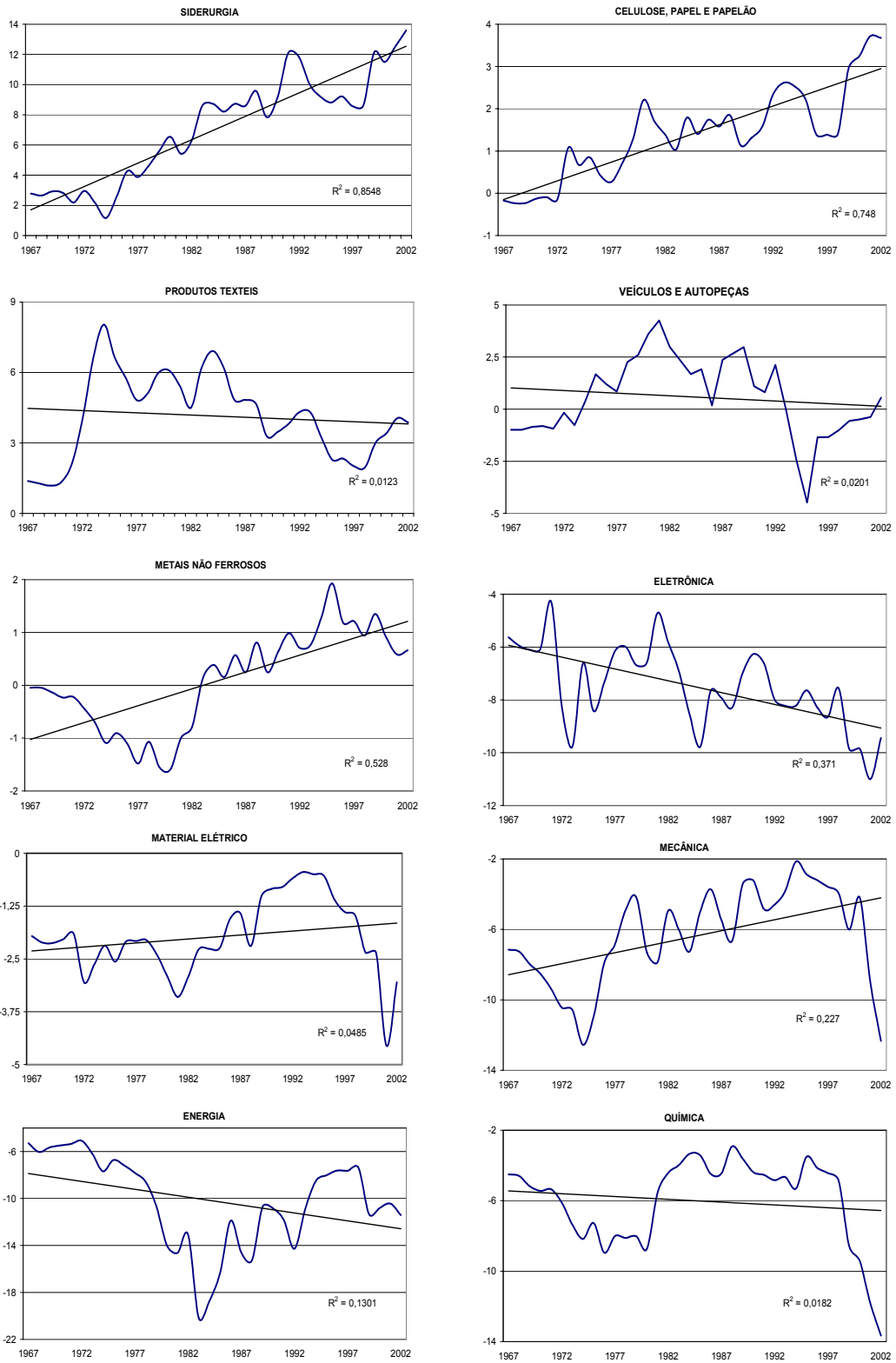
A economia indiana tem procurado se posicionar em setores cuja demanda mundial é crescente, e com forte intensidade de capital humano. Isto envolve, além dos produtos e serviços de informática, também as indústrias de telecomunicações, química e farmacêutica. Para tornar-se hegemônico nestes setores, a Índia apóia uma política agressiva de fusão e aquisições das suas empresas no exterior; procurar inserir a parcela de sua mão-de-obra altamente qualificada em renomadas redes internacionais de pesquisa científica e tecnológica; empreende uma política de propriedade intelectual bastante afinada com seus objetivos de longo prazo (Confira Sheshabalaya, 2004). A China busca reforçar o seu mercado interno e agregar valor aos produtos eletrônicos e de telecomunicações como base do seu recente modo de inserção internacional. A estratégia é reduzir a participação de brinquedos e produtos têxteis no comércio internacional. Tudo isso aliado a uma política ativa de atração de investimentos diretos estrangeiros em setores estratégicos. Já a Rússia encontra grandes dificuldades em fugir de uma nova forma de manifestação de doença holandesa (Confira Sapir, 2005).

Quanto à economia brasileira em particular pode-se ressaltar que a estratégia de privilegiar o ajustamento macroeconômico, fundado em políticas de metas de inflação, vem retardando o seu retorno a uma trajetória de crescimento de longo prazo, com redução do desemprego e da exclusão social. Falta a economia brasileira uma política de competitividade, fundamental para criar condições para o aproveitamento das oportunidades inerentes ao regime de acumulação dominante e ao seu regime internacional. Falta à economia brasileira, uma gestão de comércio exterior ativa e autônoma.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

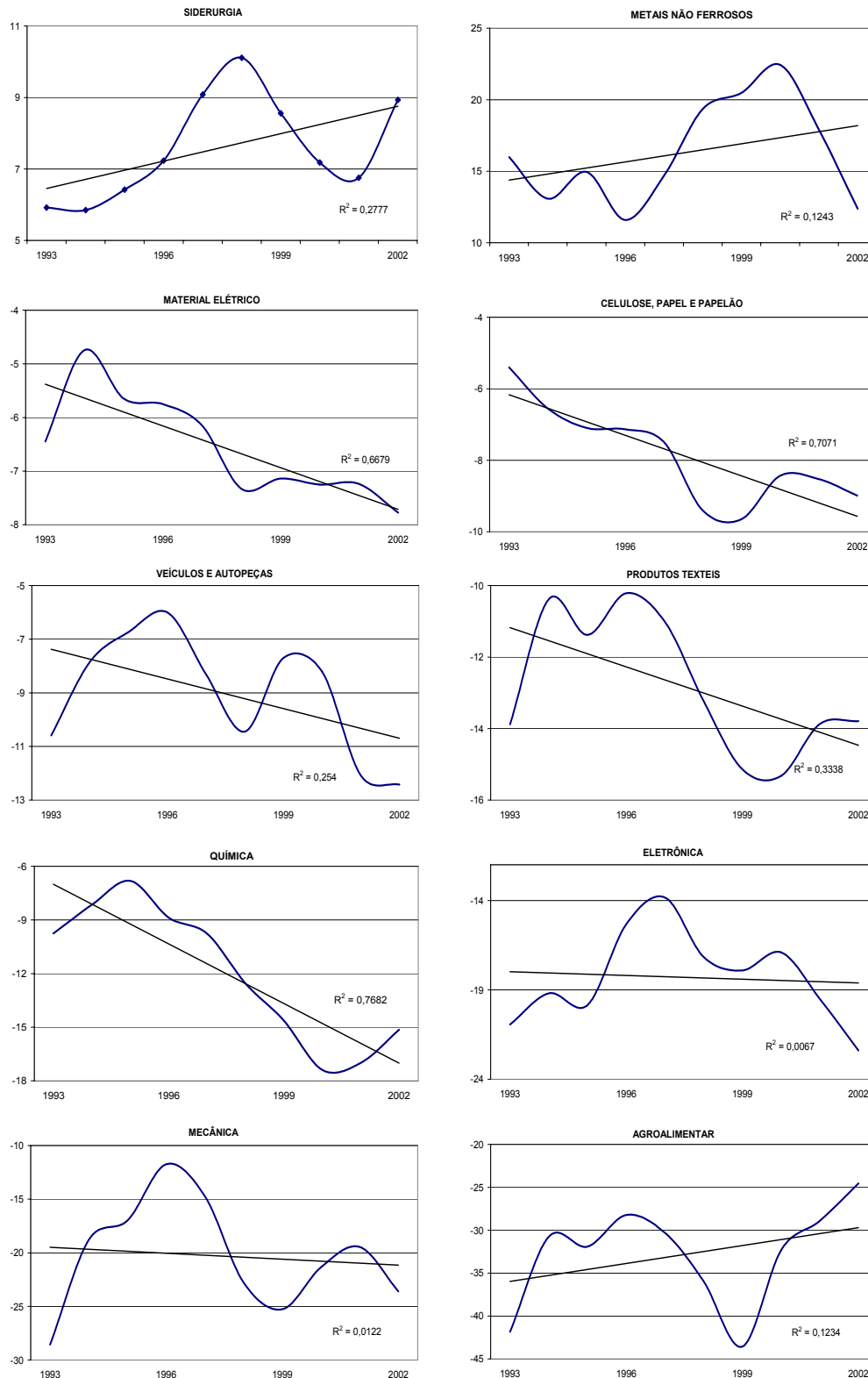
- BALASSA B.** (1965). Trade liberalization and revealed comparative advantage. The Manchester School of Economic and Social Studies, n°33.
- BOUTEILLER E., FOUQUIN M.**, Le développement économique de l'Asie Orientale, La Découverte.
- CHAUVIN, Sophie; LEMOINE, Françoise, (2005)** L'économie indienne : changements structurels et perspectives à long-terme. CEPII, Document de travail n°2005-04.
- CHESNAY, François (1997)**. La mondialisation du capital. La Découverte, (Syros).
- GAULIER G., LEMOINE F., ÜNAL-KESENCI D.** (2004), China's Integration in Asian Production Networks and its Implications. Mimeo, CEPII.
- HELPMAN E., KRUGMAN P. R.** (1985), Market Structure and Foreign Trade. Increasing Returns, Imperfect Competition and the International Economy, Wheatsheaf books.
- KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. (2001)** Economia internacional: teoria e política. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 2001. 797p.
- MAZIER, Jacques, BASLE, Maurice et VIDAL, Jean-François** (1993), "Quand les Crises Durent", 2^e édition, Economica, Paris, 1993.
- NELSON, Richard et WINTER, Sidney** (1982), "An Evolutionary Theory of Economics Change", Harvard University Press, 1982.
- PEREZ, Carlota** (1983), "Structural Change and the Assimilation of the New Technologies in the Economic and Social System", Futures, vol. 15, n° 4, pp. 357-375.
- REIS-VELLOSO, João Paulo (2005)**, " O desafio da China e da Índia: a resposta do Brasil" Editora José Olympio, 728 pg.
- SAPIR, Jacques (2005)**, « La croissance russe au péril de la "Maladie Hollandaise" *Séminaire Franco-Russe Sur les problèmes économiques et financiers du développement de la Russie. XXIX^e session Paris - 27-29 juin 2005.* mineo.
- SHESHABALAYA, Ashutosh (2005)**, "RISING ELEPHANT - The Growing clash with India over white-collar jobs and its meaning for America and the world Common Courage Press, Macmillan.
- STIGLITZ, Joseph (2002)**, "A globalização e seus malefícios". São Paulo, Futura.
- STORY, Johathan (2004)**, "China: uma corrida para o mercado" São Paulo, Futura.
- WILSON, Dominic, Purushothaman, Roopa (2003)** "Dreaming With BRICs: The Path to 2050" - Global Economics, paper n°99: 1st October 2003.

ANEXO 01: EVOLUÇÃO DAS VANTAGENS COMPETITIVAS DA ECONOMIA BRASILEIRA POR SETORES INDUSTRIAIS: 1967 - 2002



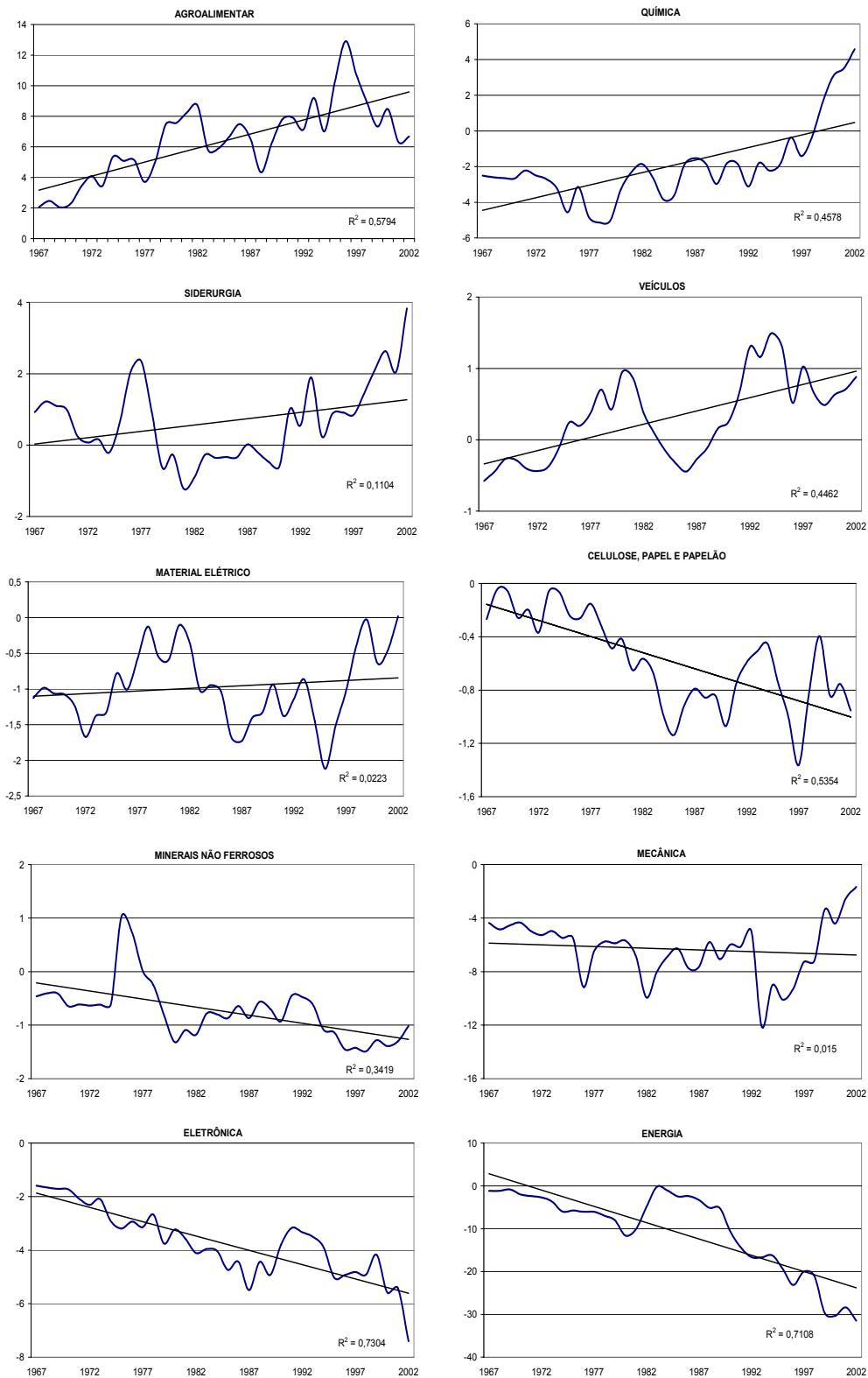
Fonte: Base de Dados CHELEM.

ANEXO 02: EVOLUÇÃO DAS VANTAGENS COMPETITIVAS DA ECONOMIA RUSSA POR SETORES INDUSTRIAIS: 1993 - 2002



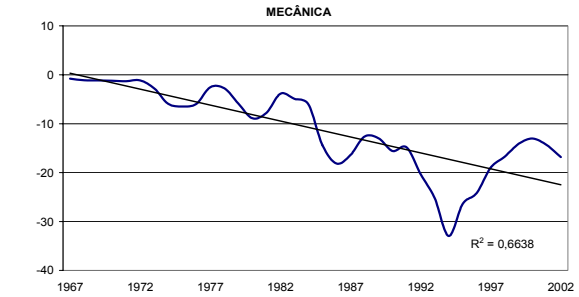
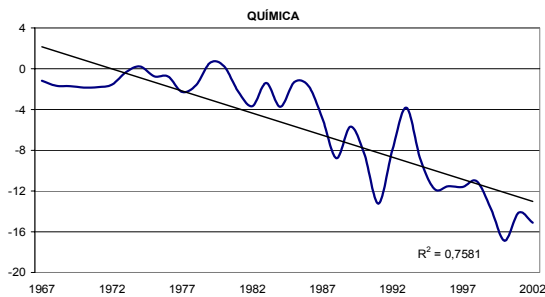
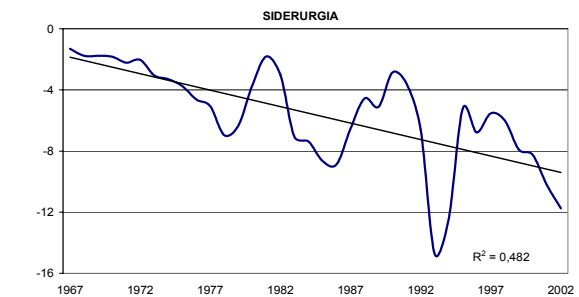
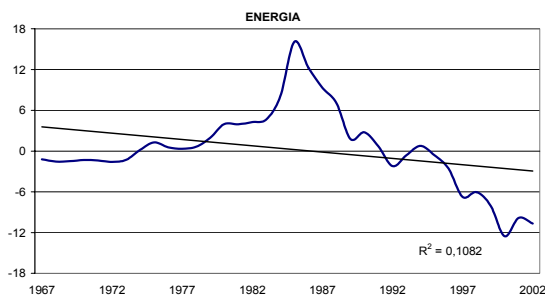
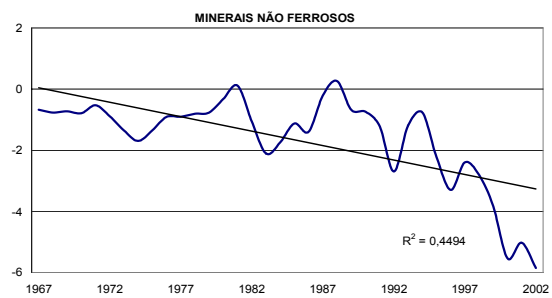
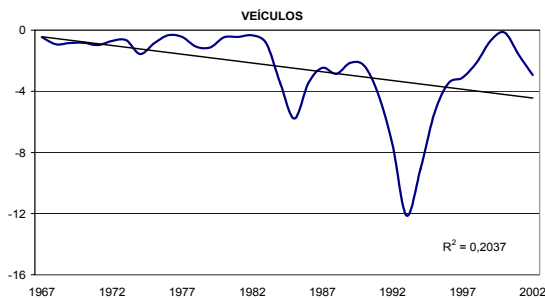
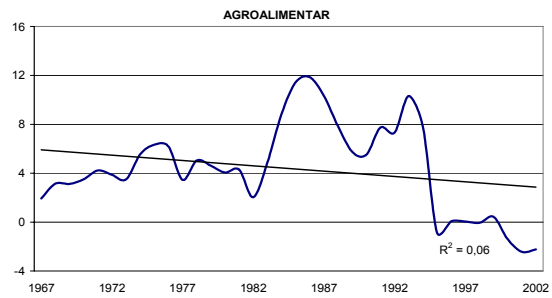
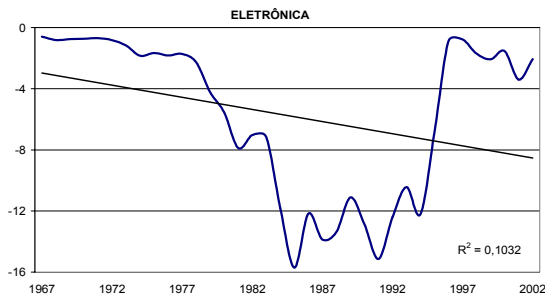
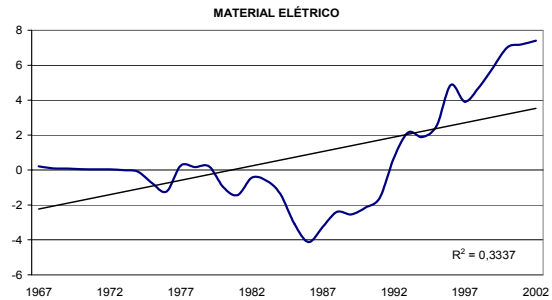
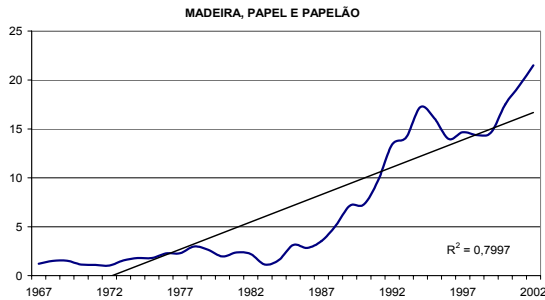
Fonte: Base de Dados CHELEM.

ANEXO 03: EVOLUÇÃO DAS VANTAGENS COMPETITIVAS DA ECONOMIA INDIANA POR SETORES INDUSTRIAIS: 1967 - 2002



Fonte: Base de Dados CHELEM.

ANEXO 04: EVOLUÇÃO DAS VANTAGENS COMPETITIVAS DA ECONOMIA CHINESA POR SETORES INDUSTRIAIS: 1967 - 2002



Fonte: Base de Dados CHELEM.